

## O passado em tempo real: os 50 anos do golpe pelas narrativas de um “past blogging”<sup>1</sup>

André Bonsanto DIAS<sup>2</sup>  
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

### Resumo:

Como estratégia para rememorar o acontecimento “50 anos do golpe” nas efemérides de março de 2014, a *Folha de S. Paulo* criou um “past blogging” que tinha o intuito de reconstruir, em um presente ao vivo dos relatos, o dia a dia daqueles idos. Partindo deste peculiar objeto, o que este estudo pretende é efetivar algumas problematizações referentes à questão da temporalidade e da narrativa no discurso jornalístico. Aproximar algumas reflexões para sinalizar como, ao atualizar o passado em um presente em tempo real, o jornal pretendia simular um tempo que, pela narrativa, relatava exatamente o que ocorreu há 50 anos como um aqui e agora do discurso.

**Palavras-chave:** tempo; narrativa; discurso; past blogging; 50 anos do golpe.

O cenário das mídias noticiosas presenciou uma amálgama complexa de manifestações celebrativas desencadeadas com as efemérides dos 50 anos do golpe civil militar, ocorrida no último mês de março de 2014. Cadernos especiais, notícias reveladoras, *hot sites*, suplementos e até jogos interativos foram criados para incrementar as análises também crescentes da historiografia sobre o tema. Nunca se produziram tantas narrativas sobre um determinado tema do passado em tão pouco espaço de tempo. Dentre os diversos materiais, um dos mais peculiares foi uma estratégia do jornal *Folha de S. Paulo* que, ao longo das comemorações, publicou um “past blogging”, espécie de “liveblogging” ao reverso que pretendia, em tempo real, reviver os acontecimentos daquele conturbado incidente. O texto de apresentação, na página do blog, conduzia o leitor:

Este ‘past blogging’ revive os principais momentos da derrubada do presidente João Goulart e do início da ditadura militar. Os horários equivalem ao que acontecia 50 anos atrás. A narrativa começa às 21h30 de 30.mar.1964 e termina em 2.abr.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (2012). Graduado em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda (2007) e em História (2008) pela Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO. E-mail: andrebonsanto@hotmail.com

<sup>3</sup> “As horas do golpe”. Disponível em: <http://aovivo.folha.uol.com.br/2014/03/30/3145-aovivo.shtml> Acesso em: 2 jul 2014. Todos os trechos do *blog* utilizados ao longo do trabalho estão disponíveis neste endereço e, por isso, optamos por não citá-lo a todo o momento em nota.

Como uma das várias estratégias comemorativas para pautar os 50 anos do golpe, a *Folha* convidava seu leitor a embarcar em uma cobertura ao vivo sobre as “horas do golpe” com, literalmente, hora e data exata de início e fim da narrativa. Um material como este se mostra um objeto peculiar que abre a possibilidade de pensarmos várias questões no âmbito dos estudos referentes à temporalidade e a narrativa do discurso jornalístico. Em tempos de efemérides, podemos afirmar, a temporalidade do discurso jornalístico é posta em xeque, evidenciando intrigas temporais que articulam e constituem essas narrativas. Abre-se aqui um regime de temporalidade particular, onde é o próprio passado, rememorado, que se torna a notícia. O que esse estudo pretende é, a partir do *blog*, evidenciar e problematizar de forma breve como algumas dessas intrigas se constituem.

### **Tempo e narrativa, história e discurso: tensionando a atualidade jornalística.**

Primeiramente devemos nos situar. O que é falar de tempo e narrativa? Já se tornaram quase unanimidade as implicações do filósofo Paul Ricoeur sobre as aporias do tempo e sua articulação narrativa onde, para ele, toda narrativa só se constitui a partir do caráter temporal da própria experiência humana. O mundo que se abre pela exposição narrativa será sempre um mundo temporal ou, mais precisamente: “o tempo se torna humano na medida em que está articulado de maneira narrativa; em contraposição, a narrativa é significativa na medida em que desenha as características da experiência temporal.” (RICOEUR, 2010a, p. 09)

Como fio condutor para a mediação entre tempo e narrativa, Ricoeur se pauta pela interpretação da poética de Aristóteles e pelas concepções de tempo em Santo Agostinho, encadeando assim três momentos de uma *mimese*. Pela articulação destas duas concepções, o autor formula a hipótese de que a intriga constante entre tempo e narrativa se dá entre o tempo do autor (*mimese* I, uma referência que precede a composição poética), do texto (*mimese* II, a *mimese* criação) e do leitor (*mimese* III, ponto de chegada da composição poética). Nesta perspectiva, a *mimese* II se constituiria no pivô da análise por estabelecer um sentido que configura a tessitura da intriga entre a *mimese* I e a *mimese* III. Propõe assim, a partir da *mimese* criação, o texto, extrair uma “inteligibilidade de sua faculdade de mediação, que é a de conduzir do antes ao depois do texto, de transfigurar o antes em depois por seu poder de configuração.” (RICOEUR, 2010a, p. 94) A intriga é, portanto, mediadora e se podemos narrar uma ação é porque esta se articula sempre em signos, regras

e normas que são “simbolicamente mediatizadas.”

Ricoeur nos dá a possibilidade de pensar a temporalidade e a narrativa sob um viés mais problematizador. No jornalismo há reflexões importantes que se apropriam das concepções aqui propostas. Para Elton Antunes (2007) é fundamental colocar em evidência a questão do “presentismo” e a suposta primazia da “atualidade” no discurso jornalístico. Para ele, o acontecimento jornalístico perpassa diferentes temporalidades que não se dão apenas por aquilo que simplesmente “emerge” da história em sua aparição na atualidade. Partindo da premissa da tripla temporalidade de Agostinho/Ricoeur, o autor acredita que a mídia noticiosa<sup>4</sup> conforma uma temporalidade particular - o presente - mas se articula sob um processo de “sedimentação e estilização” dos tempos. Ao mesmo tempo em que padroniza o tempo atual, ritmando e ordenando cronologicamente o cotidiano, a mídia “curto-circuita” os tempos, colocando em circulação representações temporais diversas “São, no mesmo movimento, camadas superpostas e atravessadas. Para tornar os tempos contemporâneos à experiência, a mídia dá visibilidade a tempos não contemporâneos. Daí que a mídia não apenas transporte o tempo; ela engendra relações temporais.” (ANTUNES, 2007, p.289)

Já para Franciscato (2003), a temporalidade - como articuladora da noção de “atualidade jornalística” -, é central para compreender o próprio jornalismo. Para ele o sentido de presente na atividade jornalística não possui um caráter meramente cronológico que se dá entre passado, presente e futuro, pois ela é composta “não somente pela temporalidade do objeto noticiado, mas pela temporalidade do ato de informar publicamente (na forma de um discurso) que tal fato está ocorrendo numa dimensão do presente.” (FRANCISCATO, 2003, p. 11)

A atualidade surge, portanto, como um “tempo narrativamente configurado”. Ao abrigar temporalidades diversas, o discurso do acontecimento jornalístico necessita de uma narrativa para que seja conhecido. “Negar ao jornalismo um caráter temporal, ou mesmo confiná-lo a uma única temporalidade, é negar sua dimensão de narratividade.” (LAGE, 2014, p. 83) Mais do que pensar nas “qualidades narrativas” que estão intrínsecas no texto das notícias é preciso, portanto, pautar a narrativa como uma forma específica de se “domar o tempo” (MOTTA, 2004).

Mas, por mais que precisas estas considerações, deve-se evidenciar que elas regulam a noção de um acontecimento mais estritamente formal que não será o foco de nossa

---

<sup>4</sup> Aqui ele fala em particular do jornalismo impresso diário.

atenção. Até porque o que problematizaremos – o “past blogging” - não é uma “notícia” em si, mas uma forma particular de narrativa que se utiliza do acontecimento a partir da rememoração.<sup>5</sup> É o caráter temporal do acontecimento inscrito pela narrativa que nos interessa. Aquele acontecimento que é sempre construído e que se encontra em um “mundo a comentar”, nomeado a partir de uma composição da intriga. (CHARAUDEAU, 2006)

Desta forma, tratamos da “atualidade” de um acontecimento que se renova a partir da articulação narrativa. Como bem pontua Franciscato (2003), a atualidade jornalística não está refém de um mero critério de “novidade” que se dá pela constante renovação do conteúdo noticioso em determinado nível de ocorrência. Esta noção de atualidade se dá também a partir de outros processos. Um dos que aqui nos compete é o caráter de novidade inscrita pelo viés da comemoração que, no ato da rememoração, torna o passado presente. As efemérides atualizam os acontecimentos do passado no presente, elas tornam novo o passado pela sua refiguração narrativa e garantem outra significação ao evento em um contexto particular.

Para tentar melhor compreender um texto que se faz presente a partir de uma narrativa que atualiza o passado no presente é preciso pontuar também o que consideramos como narrativa. De forma geral, Genette em seu “discurso da narrativa” enumera que narrativa designa o “enunciado narrativo”, ou seja, um discurso que assume a descrição de um acontecimento ou a sucessão uma série de acontecimentos. Narrativa seria, portanto, o “ato de narrar” tomado em si mesmo. Denominação evidente, uma vez que nada é mais natural do que contar uma história. Mas para o autor esta denominação apaga, de certo modo, as fronteiras de seu exercício, deixando de delimitar aspectos mais problemáticos do ato narrativo.

O que nos importa neste momento é a articulação entre narrativa (história) e discurso proposta por Émile Benveniste e que, problematizada por Genette (2009) permite efetivar uma relação dos jogos com o tempo no discurso da narrativa que trataremos adiante. Genette procura articular uma análise das fronteiras da narrativa enquanto representação lingüístico/verbal ao pensar a oposição entre a objetividade da narrativa e a subjetividade do discurso em Benveniste. Para ele, é “subjetivo” um discurso no qual se marca pela referência e/ou presença um *eu* “mas este *eu*, não se define de nenhum modo como a pessoa que mantém o discurso, do mesmo modo que o presente, que é o tempo por excelência do modo discursivo, não se define de nenhum modo como o momento em que o

---

<sup>5</sup> Há uma discussão ampla no jornalismo a respeito da noção do acontecimento que não pretendemos problematizar neste momento. Para mais sobre como o autor perpassa esta discussão, consultar Dias (2011).

discurso é enunciado.” (GENETTE, 2009, p. 279). Já a objetividade da narrativa, inversamente à lógica do discurso, se define “pela ausência de toda referência ao narrador.” (GENETTE, 2009, p. 279) Sob esta perspectiva a narrativa se torna uma espécie de “transitividade absoluta” do texto, onde a ausência do narrador exclui rigorosamente uma suposta referência à instância discursiva. Em suma, podemos sintetizar a conflituosa relação proposta pelo autor a partir da seguinte situação:

No discurso, alguém fala, e sua situação no ato mesmo de falar é o foco das significações mais importantes; na narrativa, como o diz Benveniste com força, ninguém fala, no sentido de que em nenhum momento temos de nos perguntar *quem fala (onde e quando, etc.)* para receber integralmente a significação do texto. (GENETTE, 2009, p. 280)

Há, portanto, uma distinção clara entre esses dos sistemas de enunciação em uma relação direta com o tempo narrado. A narrativa “histórica” que Benveniste opõe ao discurso dispõe de fatos que “ocorrem” sem a suposta intervenção de um locutor. Podemos pensar que, para o âmbito de nossa análise, o “past blogging” transita no limiar do discurso e da narrativa, uma vez que é pela objetividade da narrativa presentificada que ele pretende se tornar inteligível. Como veremos adiante, esta parece ser uma estratégia enunciativa do site, ao transformar o discurso em narrativa, pela presentificação do acontecimento do passado, diluindo a voz daquele que fala.

A estratégia de “desvirtuar” o tempo pela narrativa procura evidentemente causar diferentes efeitos de sentido, pois, como pontuamos anteriormente, é pela narrativa que construímos temporalmente nossas experiências e somos capazes de ordenar o mundo, cronologicamente. Neste sentido, como afirma Mota (2005), a comunicação narrativa “pressupõe uma estratégia textual que interfere na organização do discurso e que o estrutura na forma de seqüências encadeadas. Pressupõe também uma retórica que realiza a finalidade desejada.” (MOTTA, 2005, p. 2-3)

Motta (2005) fala especificamente das narrativas jornalísticas em notícias, aquelas que devemos acompanhar seriadamente, ao longo das horas e dias, para garantir legibilidade e unidade. Neste processo, devemos sempre conectar partes, identificar séries temáticas e encadeamentos para justapor em um mesmo tema, notícias isoladas. Para ele, essa síntese, sempre reescrita como novas histórias, é o acontecimento jornalístico. Reconstruir a intriga seria, portanto, um primeiro passo de “apropriação analítica” do objeto. “Ao recompor a história, privilegiam-se certos elementos de composição, como a sintaxe e a lógica narrativa decorrentes da estratégia textual. Pode-se já observar de maneira sistemática e rigorosa as conexões e associações que o objeto (a recomposição narrativa)

vai sugerindo.” (MOTTA, 2005, p. 5)

Evidenciar intrigas na constituição narrativa é fundamental, uma vez que o texto jornalístico trabalha em um jogo permanente entre os efeitos de real e outros sentidos que procuram “dramatizar” o relato das notícias em um permanente jogo entre as intenções do texto e do leitor. É, portanto, uma narrativa que trabalha com estratégias e jogos de linguagem. Dentre essas estratégias, a principal seria aquela que o autor define como “estratégias de objetivação”, que procuram construir pelo texto os efeitos de real na narrativa, ou seja, fazer com que os leitores “interpretem os fatos narrados como verdades, como se os fatos estivessem falando por si mesmos”. (MOTTA, 2005, p. 09) Esta estratégia é objetivada pela utilização de certos recursos lingüísticos, fixando o centro do relato em um “aqui e agora, no momento presente”. É pela premissa da “atualidade” que o jornalismo constrói a sua suposta concepção de neutralidade e objetividade dos relatos, organizados em sucessão: “tudo gira em torno do hoje, do aqui, do agora, do ao vivo e do on-line. Daí a profusão de advérbios e de expressões adverbiais de tempo e de lugar que vinculam a sucessão de eventos a uma visão do hoje, do agora, do presente, do instante.” (MOTTA, 2005, p.9-10)

Uma das tarefas fundamentais para quem analisa essas narrativas seria, portanto, destrinchar as estratégias jornalísticas utilizadas para a construção dos efeitos de real. Quais são os recursos utilizados pela linguagem para ancorar os fatos? Como eles são utilizados para garantir inteligibilidade aos relatos? Quais os artifícios utilizados para “naturalizar” e “neutralizar” o discurso jornalístico que procuram convencer o leitor de que aquele texto é uma representação “fiel” à realidade do mundo? Que expressões ou estratégias criam o efeito de “atualidade”? Como veremos adiante, o recurso do “past blogging” utilizado pela *Folha* para atualizar o passado em uma narrativa “ao vivo” do acontecimento é, por si só, uma evidente estratégia narrativa argumentativa que busca melhor ancorar este “feito de real”, naturalizando e legitimando assim o discurso jornalístico. Mas antes de nos aproximarmos de nosso objeto precisamos pontuar melhor a questão da atualidade a partir de uma conjuntura particular em que esta ferramenta se insere.

Quando discutimos a noção de “atualidade” em Franciscato (2003) deixamos de lado algumas questões para retomá-las aqui já pensando os aspectos característicos sob os quais situaremos nossa análise. O texto jornalístico, ao levar fatos ao conhecimento do público estabelece sempre relações temporais de sentido. Mas é no e pelo presente que texto e leitor mantêm presentes a percepção de que, seja pelo viés narrativo ou por estratégias de

atualização do discurso, o caráter de “novidade” surja como fundamental para garantir referência inteligível à noticiabilidade dos fatos. Para descrever os processos de atualidade, o autor nomeou aquilo que ele define como as “categorias dos fenômenos temporais do jornalismo”: instantaneidade, simultaneidade, periodicidade, novidade e revelação pública. Destes processos, os que nos interessa em particular são as categorias do instantâneo, do simultâneo e da novidade.

A noção de instantaneidade, para explicar a atualidade no jornalismo, surge do presente como agora, que está na imanência do acontecer. Há aqui suposta ausência de intervalo de tempo, entre a ocorrência de um fato e sua transmissão em relato, condição que vai sendo conquistada ao longo do tempo, com as inovações técnicas da sociedade e, conseqüentemente, nas práticas jornalísticas.

Como simultaneidade entendemos aquilo que acontece ao mesmo tempo que outra coisa, que ocorre junto, buscando uma espécie de “sincronismo” entre eventos. Mas, para além da concomitância temporal a simultaneidade está incluída a valores simbólicos que são partilhados e mediados pelo jornalismo, independente de estarem ocorrendo em momentos similares, mas que estabelecem relações entre si. Pois a simultaneidade do jornalismo é uma prática que auxilia na legitimação de dado conhecimento do mundo e nossa noção de pertencimento da atualidade. Se o jornalismo relata no cotidiano eventos que ocorrem simultaneamente, mas em diferentes espaços temporais, a forma como ele articula essas relações narrativamente é fundamental para nossa noção de atualidade.

Já a novidade condiz às narrativas que conferem variados graus de noticiabilidade por sua relevância com o “atual”. Mas esta novidade é sempre algo construído e padronizado, uma referência que o jornalismo recorre para garantir inteligibilidade aos seus fatos no cotidiano. O presente da atividade jornalística é, portanto, uma construção social realizada a partir de ferramentas e estratégias particulares que “fornece conteúdos e referências temporais para seu público sobre as fronteiras temporais do presente para eventos, situações, ações etc. Mais do que isso: as ferramentas jornalísticas constroem midiaticamente este presente.” (FRANCISCATO, 2003, p. 182)

A estratégia de articulação temporal do “past blogging”, ao atualizar o tempo pela narrativa é uma possibilidade de trabalhar o passado como novidade. No entanto, estamos lidando com um aspecto próprio de se pensar a construção da notícia que transcende até agora as definições aqui propostas. O jornalismo pautado pela internet trabalha a novidade concomitante e conflituosamente com a instantaneidade e a simultaneidade, que se dá por

novos fluxos de interação em um processo dinâmico de referências temporais. Franciscato (2003) acredita que a internet instaura um “tempo real” que traz formas e tensões próprias que complexificam essas experiências. Aqui, os eventos construídos aparecem “tanto como sucessão de pequenos fragmentos disponibilizados em um fluxo de informação contínua conforme o desenrolar do evento quanto nas possibilidades de interrelacionar este evento (ocorrendo no tempo presente) com conteúdos produzidos em outras temporalidades.” (FRANCISCATO, 2003, p. 254)

O jornalismo em tempo real, incorporado no “ao vivo”, é uma tentativa de reproduzir o tempo presente do instante simultaneamente sob duas velocidades: “a velocidade do movimento do mundo e a velocidade da produção do discurso jornalístico sobre este movimento. (FRANCISCATO, 2003, p. 268-269). O tempo real surge assim como um redefinidor das práticas sociais e das aporias temporais construídas pelo jornalismo. Obviamente, pensar um tempo construído no agora do relato para um agora da leitura propõe uma nova forma de problematizar as estratégias de construção do texto jornalístico, ainda mais quando falamos de um passado presente atualizado pela narrativa.

### **As horas do golpe: o tempo real do passado presente.**

O que esperava a *Folha* ao construir um “past blogging” relatando “ao vivo” os acontecimentos do passado em um suposto tempo real? Numa espécie de simulação da atualidade, a narrativa buscava tratar aquilo que já ocorreu há 50 anos como um aqui e agora, presentificado pela intriga e os jogos com o texto. O formato do *blog*, uma espécie de “live blogging”<sup>6</sup> ao reverso propunha, portanto, um pacto com o leitor. Era preciso que ele assumisse a temporalidade do discurso, uma vez que a preocupação inicial da narrativa é justamente essa, situar o leitor no percurso que ele irá transcorrer. O texto de apresentação, que acompanha toda a estrutura da página e que já citamos anteriormente, é bastante enfático neste sentido e peça fulcral para objetivarmos nossa análise. O que o jornal pretende é “reviver” os acontecimentos que deflagraram o golpe: “Os horários equivalem ao que acontecia 50 anos atrás. A narrativa começa às 21h30 de 30.mar.1964 e termina em 2.abr.”

---

<sup>6</sup> O formato do “live blogging” consiste em *posts* atualizados sequencialmente ao longo do tempo onde cada nova postagem pretende capturar algum pequeno elemento da história. As atualizações procuram, com informações recém-disponíveis, dar conta daquilo que “vai acontecendo” ao longo do relato. Desta forma, a narrativa é construída numa espécie de eterno presente. Novas atualizações vão substituindo as anteriores, garantindo cronologicamente um sentido à narrativa. Para um estudo mais específico sobre o formato, consultar McDougall (2011).

O acontecimento é revivido pela própria articulação da narrativa no presente. Daí a importância de situar o leitor em um fluxo temporal, uma vez que o presente só se faz presente pelo “agora” da enunciação. Mal a história começou já sabemos seu final ou, ao menos, onde ela irá terminar. Serão mais de três dias de relatos e o leitor deve estar ciente sobre o que o texto pretende e aonde ele vai chegar. É o texto que propõe um jogo ao leitor. A estratégia faz com que ele se transporte do presente para o “presente do passado” e entre no próprio jogo do texto, pela narrativa. A sucessão das ações se dá a partir de uma narrativa que, pela história, já está predeterminada e o leitor, ao acompanhá-la, sabe disso. Portanto, no discurso, tudo já se sabe no nível do que “já ocorreu”. A narrativa, no entanto, pretende é, ao presentificar o discurso do passado, articular uma experiência temporal “in loco” dos acontecimentos onde o que mais importa não é necessariamente o que se irá dizer, mas como vai se chegar até lá. Após a breve apresentação ao leitor, a narrativa do *blog* se inicia. São 21h25 do dia 30 de março de 1964, no palácio das laranjeiras, Rio de Janeiro.

O presidente João Goulart está na antessala de seus aposentos, no primeiro andar, reunido com o deputado Tancredo Neves, líder do governo na Câmara, e com o secretário de Imprensa da Presidência, Raul Ryff. Os dois tentam dissuadir Jango de fazer o discurso marcado para o auditório de suboficiais e sargentos das Forças Armadas, no salão do Automóvel Clube, na Cinelândia.

O Rio de Janeiro, João Goulart e as negociações iniciais que preludiam o golpe são, portanto, o “agora” da enunciação, presentificado pelo narrador que situa seus personagens na narrativa. Se a narrativa se dá neste “curto circuito” temporal é preciso, primeiramente, situar onde e quando este presente será articulado, pois, como afirma Ricoeur (2010c) “só há futuro e passado relativamente a um presente”, um instante que seja qualificado como tal por alguém que o designa. Para ter um presente é preciso que alguém fale. “Ora, não existe presente e, portanto, nem passado nem futuro no tempo físico enquanto um instante não for determinado como “agora”, como hoje, portanto, como presente.” (RICOEUR, 2010c, p. 183). O agora da enunciação, como aqui muito já enfatizamos procura, portanto, ao presentificar os relatos, construir uma imagem coerente e portadora de sentido dos acontecimentos passados, “tais como eles realmente aconteceram”.

Desta forma, a narrativa presente no “past blogging” se utiliza de evidentes estratégias enunciativas. Uma vez que narrar é presentificar, mas, ao mesmo tempo, algo que também elege, separa e exclui (Ricoeur, 2010b), os relatos são encadeados por saltos, sucessões e (des)encadeamentos temporais. A estrutura se dá por fragmentos aparentemente

dispersos, mas que garantem unidade à narrativa pela cronologia dos fatos. Durante os três dias de relato, a narrativa perpassa diferentes locais. Do Rio de Janeiro a Washington, passando por Minas, São Paulo, Recife, Porto Alegre e Brasília são, ao todo, 103 postagens que vão desencadeando os acontecimentos eleitos mais significativos a serem incluídos na narrativa do acontecimento. Peguemos como exemplo, a partir de algumas postagens do *blog*, os momentos iniciais da narrativa, que situam o leitor no conturbado processo do pré-golpe, ainda no dia 30 de março de 1964:

*21h59, Rio.* João Goulart deixa o Palácio Laranjeiras em direção ao Automóvel Clube, onde fará um discurso para suboficiais e sargentos. Tancredo Neves, que acompanha, diz: Deus faça com que eu esteja enganado, mas creio ser este o passo do presidente que irá provocar o inevitável, a motivação final para a luta armada.

*22h28, Automóvel Clube, Rio.* Num salão lotado de militares pró-Jango, o presidente discursa sobre a necessidade de reformas de base. Ele fala sobretudo de reformas agrária, tributária e eleitoral, os mesmos temas que tinha abordado no comício da Central do Brasil, no dia 13 de março. [...]

*22h57, Washington, EUA.* O Departamento de Estado norte-americano determina a todos os consulados no Brasil que informem diretamente a Washington qualquer desenvolvimento significativo envolvendo resistência militar ou política de Goulart”. [...]

*23h42. Texas. EUA.* Em seu rancho, o presidente Lyndon Johnson recebe um telefonema do secretário de Estado, Dean Rusk: A coisa pode estourar a qualquer momento. [...]

*05h06. Juiz de Fora (MG).* Ainda de pijama, Mourão Filho aciona um levante militar partindo de Minas Gerais com destino ao Rio, onde está o presidente João Goulart.

Os fatos vão aparecendo como uma atualização em tempo real, mas aqui já sabemos o caminho que a narrativa irá tomar, ela começa na democracia, no dia 30 de março de 1964 e termina em uma ditadura, no 2 de abril. Sua dimensão é traçada por sequências, estratégias, jogos de tempo, ritmos e enunciações. Há evidentemente escolhas e seleções por parte do narrador para que determinados eventos apareçam e outros não. Mas não basta que tenhamos uma cronologia desencadeada em fatos para que uma narrativa se constitua. Entender uma narrativa não é apenas acompanhar a história em seu desenrolar, mas reconhecer seus “estágios” e níveis de sucessões. (BARTHES, 2001). É a intriga, aquela proposta por Ricoeur (2010a), a responsável por fazer a mediação entre os acontecimentos, transformando incidentes supostamente desarticulados em história. “Em suma, a composição da intriga é a operação que tira de uma simples sucessão uma configuração.”

(RICOEUR, 2010a, p. 114)

Do texto exige-se, pois, que se “acompanhe uma história”. O que significa que devemos compreender as ações sucessivas da narrativa como tendo uma orientação particular. Pela narrativa somos orientados numa certa direção, onde sempre esperamos uma conclusão ou ponto final: “entenda-se por isso que o desenvolvimento nos leva para a frente na medida em que respondemos a essa impulsão com expectativas concernentes ao fim e ao desfecho do processo todo.” (RICOEUR, 2010a, p. 248). E aqui, vale ressaltar, estamos falando de uma história “recontada”, aquela que, em tese, já se conhece o desfecho e que a noção de fechamento pode ser muito mais bem percebida e esperada pela composição da intriga. A partir do momento em que já conhecemos a história nós a acompanhamos muito menos pelas surpresas que ela pode proporcionar e mais para apreender os próprios episódios e como eles serão conduzidos a esse fim.

Por mais que simule um tempo real, os acontecimentos relatados vão criando as tramas de um desfecho inevitável. Daí que, para a narrativa, não há problemas trabalhar com sucessões e saltos temporais. Pulamos do Rio para Washington, depois para Juiz de Fora, sem comprometer a compreensão da narrativa. Pelo contrário, a própria estrutura da narrativa depende dessa enunciação atualizada sob diferentes perspectivas espaço temporais, uma vez que está relatando um acontecimento que ocorre agora, simultânea e instantaneamente e que deve ser tratado como novidade.

Como não temos um lugar específico onde ocorrem os acontecimentos e eles se entrecruzam a todo o momento devemos em tese saber ao menos o que se passa na história. Por mais que fragmentada, uma narrativa para se constituir como tal e se tornar inteligível precisa manter-se em sua superfície. A superfície é aquele “tom” que marca a presença – ou não - do narrador na história; a escolha de contar a história em primeira ou terceira pessoa, a inserção dos personagens, que também se dá pela sucessão das palavras em sua manifestação linear “entendidas em si mesmas como realidade concreta e perceptível.” (VOLLI, 2007, p. 93)

Na narrativa do *blog* quem conta a história é um narrador onisciente mas que, ao mesmo tempo, nunca aparece enquanto tal. Existe aqui uma espécie de entrecruzamento entre discurso e narrativa, uma vez que há a referência de um narrador que apenas situa e apresenta seus personagens. São eles, inseridos por aquele que narra a história que atualizam os acontecimentos. Vejamos novamente alguns trechos do *blog*, agora já na manhã do dia 31 de março:

*7h, Juiz de Fora (MG).* Pelo telefone, o general Mourão Filho convoca militares e civis em pelo menos três Estados. [...]

*08h05, São Paulo.* O comandante do Exército paulista, Amaury Kruehl, diz crer que o motim não passará de uma "quartelada".

*08h30, Local indeterminado.* O general Assis Brasil, que sabia que Mourão tramava contra o governo, desdenha: "São velhinhos gagás! Não são de nada".

*12h00, EUA.* A CIA, as Forças Armadas americanas, o secretário de Defesa americano, Robert McNamara, e o secretário de Estado americano, Dean Rusk, discutem envio de apoio naval e aéreo às tropas rebeldes no Brasil. O embaixador americano no Brasil reporta a Washington que "pode ser a última boa oportunidade para apoiar uma ação contra o grupo de Goulart".

Os relatos se dão por um locutor que apenas situa e aproxima temporalmente os fatos do leitor. Uma estratégia visível de manter o enunciado "atualizado" e fidedignamente mais compreensível em um agora da narrativa. Na trama das indecisões do acontecimento as falas dos personagens vão dando voz e construindo o discurso que levará, inevitavelmente, ao golpe. Portanto, os jogos com o tempo são articulados por um desdobramento entre o enunciado e a enunciação. Por mais que o narrador "narre" os acontecimentos, ele não está envolvido na história; eles parecem acontecer por si mesmos. O presente, tempo básico da enunciação discursiva aparece em uma espécie de prelúdio do acontecimento máximo a ser deflagrado pela narrativa. É importante pensarmos, como aponta Ricoeur (2010b) no papel do discurso "na própria narrativa" pois é ele que, de certa forma, vai atualizando os acontecimentos do passado no presente. Alguém precisa nomeá-los discursivamente e a enunciação toma o papel da perspectiva do narrador.

É assim que vamos seguindo a história uma vez que, pelo jogo proposto pela narrativa, "confiamos" naquele que narra. Como uma espécie de "cronista ideal"<sup>7</sup> as atualizações do *blog* são conduzidas por alguém que tudo sabe, transpondo a narrativa para um agora em tempo real. Assim, somos atualizados, por exemplo, de que no dia 31 de março de 1964, na divisa Minas-Rio, às exatas 17h01, as tropas que deflagrariam o golpe chegam às margens do rio Paraibuna e, seguindo ordens do general Mourão Filho "deverão

---

<sup>7</sup> A ideia do cronista ideal é, na verdade, uma crítica de Ricoeur às análises que tomam o passado como determinado e fixo, onde os acontecimentos "recolhidos em um receptáculo" acumulam-se "sem que possam ser alterados, sem que sua ordem de aparecimento possa mudar, sem que nada possa ser acrescentado a seu conteúdo, a não ser acrescentado à sequência deles. Uma descrição completa de um acontecimento deveria então registrar tudo o que aconteceu na ordem em que aconteceu. Mas quem conseguiria fazer isso? Somente um Cronista Ideal poderia ser a testemunha absolutamente fiel e absolutamente segura desse passado totalmente determinado. Esse Cronista Ideal seria dotado da faculdade de dar uma transcrição instantânea do que acontece, de aumentar de modo puramente aditivo e cumulativo seu testemunho à medida que os acontecimentos se somam aos acontecimentos." (RICOEUR, 2010a, p. 240-241)

permanecer ali, até a manhã seguinte, aguardando que o Exército do Rio de Janeiro os apoie. Caso contrário, o plano é avançar sobre o Estado vizinho.”

Pela narrativa, a história pede para ser acompanhada por um fluxo que possui ritmo próprio. Da maneira que os acontecimentos são relatados visando um fim já estabelecido e o “tempo real” é conduzido por um narrador que assume locais e temporalidades diversas, não precisamos necessariamente acompanhar seus relatos passo a passo. Até porque, obviamente, não se espera que um leitor acompanhe o texto continuamente seguindo, pelo tempo da história, os três dias consecutivos do relato. Assim, o texto vai simulando tramas fragmentadas que pretendem instaurar o clima de instabilidade que perpassavam os acontecimentos, sob a perspectiva de vários personagens.

Com o foco da narrativa nos Estados Unidos, acompanhamos os percalços da Operação Brother Sam; no Rio e em Brasília, os entraves e negociações dos militares que tramavam movimentações estratégicas; em São Paulo e em “locais indeterminados” a adesão de políticos e militares às tramas golpistas, de ambos os lados. Entrelaçando a cronologia da narrativa, o *blog* vai concomitantemente publicando diversas fotos e documentos, numa tentativa de romper um pouco o fluxo dos acontecimentos e, pelas transições, modificar o tempo e o ritmo da enunciação.

Assim, nós leitores também podemos pela leitura eleger, separar e excluir. Podemos, por exemplo, antes de dormir, ao dia 31 de março, acompanhar que, às 22h56, Carlos Lacerda, então governador do Rio, “com uma metralhadora na mão” comemora a adesão do general Krueel ao golpe militar e que, após uma longa noite mal dormida o ainda presidente João Goulart afirmava ao seu assessor de imprensa, na manhã do 1º de abril: “Vamos, vou sair daqui. Vou para Brasília. Isto aqui está se transformando numa ratoeira.”

Caso eleja digno e me considere um leitor “transgressor” posso evitar as postagem que narram sua desenfreada corrida para deixar o país e acompanhar apenas que, às 22h34 do mesmo dia Jango voa para Porto Alegre num avião da FAB sem ao menos passar pegar sua coisas. É a primeira-dama – a “mais bonita do Brasil”, a qual posso vislumbrar sob um apanhado exclusivo de fotos - quem tira os filhos da cama e faz as malas para seguir ao Sul.

Transcorro pela narrativa e já na postagem seguinte, às 00h00 na madrugada do dia 1 para 2 de abril leio que Moura Andrade, durante sessão extraordinária no Congresso, “declara vaga a Presidência da República”. Sei que o golpe está praticamente deflagrado pelo viés inevitável que a narrativa vai tomando, mas ao nível do discurso ainda espero que

a história se encerre. Ponto que só se dá efetivamente às 21h52 do mesmo dia, depois de mais alguns relatos e fragmentos acontecimentais que o *blog* vai atualizando. De Washington, o subsecretário de Estado norte-americano, George Ball, manda uma mensagem ao embaixador Lincoln Gordon: “Felicitações a você e a sua equipe pelos nervos firmes e bons conselhos durante o período crítico, e pelos excelentes relatórios sob condições de grande confusão. Boa noite e parabéns.”

Se foi feito um pacto para com o leitor, posso assumir que este tenha se cumprido com o desfecho da história. Mas o narrador, aquele que ausente da história deixa os fatos acontecerem por si só, atualizando os acontecimentos, precisa ainda situá-los em um ponto final. No limiar entre o discurso e a narrativa o *blog* é encerrado conflitando ainda mais sua relação com o leitor, ao mesmo tempo em que, pela narrativa, assume esse fim. Às 22h00, com uma última postagem, descortinam-se as ambivalências do tempo e o narrador assume-se novamente a partir de sua enunciação discursiva: “O ano é 2014. Termina aqui o blog sobre como o golpe militar no Brasil se sucedeu, em 1964. Para saber o que aconteceu depois, acesse o especial da Folha sobre os 50 anos do golpe.” O salto abrupto de 50 anos em um espaço ínfimo no tempo da leitura não deve ser encarado com espanto pelo leitor, uma vez que este já havia sido alertado sob o jogo pelo qual deveria abarcar ao entrar na leitura. Caberia a ele agora embarcar em outras análises sobre o tema, em um especial que o jornal teria preparado exclusivamente para a efeméride. Mas essa é história para um próximo capítulo.

### **Referências bibliográficas**

ANTUNES, Elton. *Videntes imprevidentes: temporalidade e modos de construção do sentido de atualidade em jornais diários impressos*. Tese de Doutorado em Comunicação. Salvador-BA: UFBA, 2007.

BARTHES, Roland. As sucessões de ações. In: *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

DIAS, André Bonsanto. Pensar o acontecimento: jornalismo, temporalidade e narrativa em uma perspectiva histórica. *Verso e Reverso*, vol. XXV, n. 60, set-dez. 2011.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. *A atualidade no jornalismo*. Bases para sua delimitação teórica. Tese de Doutorado em Comunicação. Salvador-BA: UFBA, 2003.

GENETTE, Gérard. Fronteiras da narrativa. In: BARTHES, Roland (et al.). *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LAGE, Leandro. O acontecimento é o passado da notícia? In: LEAL, Bruno Souza (Orgs.) et al. *Para entender o jornalismo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

McDOUGALL, David. The Journalistic Identities of Liveblogging. A Case Study: Reporting the 2009 Post-Election Protests in Iran. *MEDIA@LSE* Electronic MSc Dissertation Series, number 53, 2011.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. *Revista E-Compós*. nº 01, dez. 2004.

\_\_\_\_\_. A análise pragmática da narrativa jornalística. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005. Rio de Janeiro. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2005.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo I. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.

\_\_\_\_\_. *Tempo e narrativa*. Tomo II. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010b.

\_\_\_\_\_. *Tempo e narrativa*. Tomo III. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010c.

VOLLI, Ugo. Histórias. In: *Manual de semiótica*. São Paulo: Loyola, 2007.